REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

15.º Anno — XV Volume — N.º 482

11 DE MAIO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro de D. Maria está em crise.

A sociedade artistica empresaria do theatro resolveu por unanimidade de votos entregal-o ao governo e dar por findo o seu contracto no dia 15 de junho proximo.

Este caso que não teria importancia alguma se se tratasse d'uma crise resultante de conflictos entre os societarios, ou d'uma desistencia motivada por interesses particulares dos associados em disolverem o seu contracto, tem muita desde o momento em que a resolução da sociedade empresaria do primeiro theatro do nosso paiz, foi provocada pelo desanimo que d'ella se apossou ao ver deserto o seu theatro, pouco concorridos os seus espectaculos, exactamente no momento em que esses espectaculos mereciam o applauso enthusiastico e unanime de toda a imprensa e o applauso ruidoso das pessoas que a elles assistem.

E é por este motivo que a crise do theatro de D Maria se impõe á attenção de todos que se importam com a arte nacional, é por isso que todos os jornaes tem dedicado ao assumpto largos artigos, é por isso que aos homens illustres que estão dirigindo os destinos do nosso paiz, cabe o dever de olhar muito seriamente e muito attentamente para esta crise, que não e simplesmente a crise d'uma casa de espectaculos, mas sim o primeiro symptoma alarmante da crise gravissima porque estão passando todos os theatros portuguezes, porque está passando uma das classes mais numerosas e não decerto das menos illustres, a classe dos actores dramaticos, crise que ameaça assustadoramente a arte dramatica nacional, com certesa a que mais brilho e lustre tem dado ás bellas artes portuguezas, já no paiz, já fóra d'elle, no Brazil e em Hespanha.

A doença de que morre a actual sociedade empresaria do theatro de D. Maria è doença epidemica em todos os theatros de Lisboa, a todos tem mais ou menos definhado e evidentemente acabará por matar todos elles se o governo não accudir a tempo ao mal com o remedio energico e prompto que elle requer.

O theatro de D. Maria tem actualmente em scena uma peça magnifica, uma verdadeira obra prima e primorosamente representada, uma peça cujo auctor é uma das individualidades mais illustres, mais sympathicas e mais justamente queridas do nosso mundo litterario: a *Madrugada* de Fernando Caldeira; o publico que vae ao theatro faz todas as noites á peça ovações ruidosas e sae de lá positivamente encantado com a deliciosa comedia, a critica disse da peça maravilhas, e apezar de tudo isto a concorrencia é diminuta, desanimadora.

O theatro do Gymnasio deu ha noites uma peça nova, estreia brilhantissima d'um talento dos mais brilhantes que tem apparecido ultimamente no theatro portuguez, a *Filha do Regedor*, do sr. Campos Junior; essa peça é representada excellentemente por toda a troupe do Gymnasio e excepcionalmente bem pelo Valle, e apesar d'isso, a peça que agrada muito a todos que a veem, á qual toda a imprensa tem feito justos elogios, raras vezes faz casa cheia.

O theatro da Trindade, que era um dos theatros mais concorridos e felizes de Lisboa, apresentou ha noites uma *operetta* de Audran que em Paris fez grande successo, *O Tio Celestino*.

Na primeira noite, apesar da peça ser nova e ter um nome celebre, a casa não encheu. Agradou muito, e tanto que no fim da peça o publico chamou os traductores ao palco; e depois tem agradado sempre muito todas as noites que se representa, mas apesar de todo esse agrado, as enchentes estão muito longe de se contar pelas representações.

O theatro do Principe Real, que tem um publico seu, um publico especial e que nos outros annos costumava estar cheio todos as noites agora viu-se forçado a baixar 50 por cento nos seus preços e ainda assim não enche.

Como se vê a doença é geral e n'este mez de maio, que costumava ser um dos bons mezes de theatro, e tanto assim que algumas emprezas que tinham só as escripturas dos seus artistas até ao fim de maio as fizeram este anno até 15 de junho, n'este mez de maio, diziamos, tem-se repetido varias vezes um facto rarissimo em Lisboa na epocha theatral, haver noites sem espectaculo em nenhum theatro portuguez.

O que quer dizer isto?

Quer dizer visivelmente que ha um notavel e manifesto desvio na corrente do publico, que d'antes frequentava os theatros portuguezes e que, se a muitos não dava enchentes todas as noites a todos enchia á cunha nos domingos e dias santos, o que este anno não acontece nem mesmo no proprio domingo de Paschoa, cuja enchente era de ha muito tradicional nos costumes theatraes.

Não me parece necessaria uma grande perspicacia para ver d'onde

FERNANDO CALDEIRA, AUCTOR DA «MADRUGADA»

(Segundo uma photographia de M. La Cuadra)

vem esse mal, nem profundo estudo para lhe encontrar remedio efficaz.

O mal previmol-o nós ha muito tempo, n'uma d'estas chronicas, o mal está evidentemente na concorrencia perigosa, que aos artistas portuguezes e á arte portugueza, fazem as companhias estrangeiras que para aqui vem representar no inverno e desviar o publico dos nossos theatros.

E dá-se com isto um facto curioso, é que essas companhias fazem muito mal ás companhias portuguezas sem fazerem bem a ellas proprias: não se enriquecem e empobrecem nos a nós. Como as suas despezas são grandes, a concorrencia que tem não chega para lhes fazer face, e então baixam os preços, com o que geralmente não augmentam muito as suas receitas mas augmentam consideravelmente essa concorrencia, que espalhada pelos theatros portuguezes lhes daria a animação e a vida que elles tinham antes d'esse funccionamento quotodiano de dois Colyseus enormes ao pé das suas portas.

O mal é este: o remedio parece-nos facil, é uma pauta proteccionista para a nossa arte como a ha para o nosso commercio e para a nossa industria, se por acaso o nosso governo mais timido que os governos de outras nações mais adiantadas que a nossa, hesitar em cortar o mal pela raiz, com uma pennada, prohibindo durante certos mezes em Portugal os espectaculos publicos de companhias estrangeiras.

Se o governo hesita ante essa medida proteccionista faça ao menos em favor da arte dramatica portugueza o mesmo que faz em favor dos nossos artefactos das nossas manufacturas: imponha ás companhias estrangeiras que quizerem vir concorrer com as nossas, no nosso mercado, em nossa casa uns direitos importantes, direitos que lhes tire a vontade de vir prejudicar os nossos artistas e a nossa arte, e que se apezar d'isso vierem, deixem então ao estado sommas valiosas com que lhe permitta sanar até certo ponto os prejuizos pecuniarios que fizerem aos artistas portuguezes.

Um dos argumentos, creio mesmo que o unico, com que se pretende combater esse imposto é o da vontade do publico.

Se o publico prefere companhias estrangeiras ás companhias nacionaes, está no seu direito, dizem nos. Está, d'accordo, mas os governos e as classes dirigentes tem o dever e o direito de guiar e de dirigir o gosto do publico, e alem d'isso, tambem toda a gente está no seu direito de proferir panno inglez ao panno da Covilhã, e pode fazer a sua vontade é claro, mas com uma condição; — a de pagar por um metro de panno inglez o dobro ou o triplo que paga pelo metro de panno da Covilhã, porque o lojista que lhe fornece esse panno tem que pagar por elle os direitos pesadissimos que o governo lhe impoz.

E dar-se-ia o mesmo caso.

Havendo um pesado imposto sobre as companhias estrangeiras ellas poderiam vir cá da mesma maneira, é evidente, mas teriam de elevar muito os seus preços e então o publico que escolhesse.

Depois podia mesmo transigir-se um bocadinho com esse gosto do publico, com essa tal liberdade de commercio theatral: era dividir a contenda ao meio: prohibir ou impôr grandes direitos a companhias estrangeiras durante uns certos mezes do anno, durante a epoca theatral por exemplo, e deixar-lhes completa liberdade de virem cá durante os mezes de verão, junho a setembro por exemplo, sem pagarem imposto algum.

Toda a imprensa tem agora levantado esta questão, e estamos certos que o governo olhará para ella seriamente e urgentemente, pois é uma questão de justiça e de patriotismo.

*
* *

Na Academia Real das Sciencias houve na noite de sexta feira uma conferencia notabilissima que chamou a attenção de todos os homens de lettras e valeu mais uma brilhante ovação a um dos nossos mais gloriosos litteratos, a—Pinheiro Chagas.

A conferencia de Pinheiro Chagas versou sobre Christovão Colombo e a descoberta da America, e durante cêrca de uma hora a palavra prestigiosa de Pinheiro Chagas e o seu extraordinario talento tiveram encantado e subjugado um auditorio dos mais illustres e que era presidido por sua magestade El-Rei.

Pinheiro Chagas começou por se congratular com o facto de Portugal se fazer representar nas festas do centenario Colombino, por que essas festas são essencialmente portuguezas porque foi Portugal que educou o espirito do grande genovez, e porque a descoberta da America brilharia nos annaes refulgentes dos descobrimentos portuguezes se não fosse a hesitação de D. João II, que o illustre orador verberou eloquentemente, e depois de fazer a apologia do infante D. Henrique de descrever a largos traços a vida de Colombo, a sua original individualidade, o seu gigantesco trabalho, depois de refutar a pretenção de que portuguezes já tivessem chegado á America antes do celebre genovez, terminou dizendo que se o infante D. Henrique fosse vivo n'esse tempo a descoberta da America seria obra de portuguezes, que Colombo deve a Portugal a sua gloria, develhe tudo, menos a inspiração que lhe deu a Providencia e a confiança que recebeu de Hespanha.

Pinheiro Chagas foi coberto de applausos ao terminar a sua extraordinaria conferencia, e muito comprimentado por todos os academicos que assistiram á sessão, sendo dos mais calorosos a felicital-o Sua Magestade El Rei D. Carlos.

*
* *

Terminou o praso para a adjudicação do theatro de S. Carlos e não appareceu nenhum concorrente ao theatro, apesar da enorme lista de concorrentes que quando o edital se publicou no *Diario do Governo* annunciaram varios jornaes.

Diz-se que brevemente apparecerá novo edital, modificando as condições, isto é, pondo simplesmente o theatro a concurso sem condições de companhia e tambem sem auxilio algum do governo, o que nas circumstancias actuaes do thesouro nos parece ser o mais logico.

Veremos e é possivel que então surjam alguns concorrentes á adjudicação, sendo o theatro dado assim de pulso livre, podendo ser explorado sem imposição de genero e de numero de recitas.

*
* *

A' ultima hora sabemos que rebentou em Lisboa uma *grève* de cocheiros e conductores dos americanos.

O motivo da *grève* segundo se diz, é não se quererem sujeitar os grévistas á alteração que a companhia quer fazer nos seus salarios passando a dar-lhes em vez de tanto por dia tanto por hora de trabalho.

Apesar da *grève* os carros funccionaram todo o dia com cocheiros e conductores novos, e em muitos d'elles servindo de conductores os revisores, e de cocheiros os antigos sotas, cada qual com o seu fato diverso, o que divertiu muito, pela novidade e pittoresco do caso, o publico habituado aos uniformes da companhia, e que fez juntar muita gente nas estações dos americanos a observar o caso e a commentar a *grève*.

*
* *

Em Coimbra houve tambem uma *grève*, uma parede de estudantes, mas essa foi já muito mais grave nas suas consequencias, pois importou o encerramento da Universidade o que representa pelo menos a perda d'um anno para os academicos, o que é serio, e o que fará com certeza com que o governo pense bem no caso, e estude bem a questão, a ver de que lado está a razão, devendo seguramente tomar em conta, em qualquer das hypotheses, o que no fundo ha de boa camaradagem, de digno e de brioso, n'esses rapazes que julgando ver offendido injustamente um collega seu, tomaram a peito a sua causa sem pensarem nos transtornos que d'ahi lhes pudessem advir.

Estamos certos de que o governo saberá manter o principio da auctoridade, mas sem crueldades inuteis, tomando em conta o que ha de sympathico, de nobre e de alevantado no motivo do procedimento dos academicos, e que inquerirá do caso com toda a imparcialidade e minudencia fazendo justiça ampla a quem ella couber.

*Gervasio Lobato.*

## FERNANDO CALDEIRA

Os poetas são como as mulheres; nunca se lhes pergunta a idade; as mulheres teem a idade que parecem, os poetas teem a idade que transparece nos seus versos.

E a ser assim Fernando Caldeira a julgar pela frescura juvenil da sua inspiração, pela graça delicadissima do seu talento, pelo encanto fascinante dos seus versos, está ainda em plena mocidade, n'essa mocidade da alma que valle mais do que todas as mocidades, n'essa primavera perenne dos espiritos bons e dos talentos sadios e fortes, que é a delicia, a alegria e felicidade de todos que com elles vivem!

Eu não sei quantos annos tem Fernando Caldeira. Conheço-o ha muitos e de dia para dia me parece mais novo pela jovialidade do seu espirito, muito mais novo hoje, na *Madrugada* que ha 16 annos no *Sapatinho de setim*.

Conheço-o ha muitos annos, o que não quer dizer que ha muitos annos seja amigo d'elle.

A nossa amisade nasceu do odio, porque antes de sermos os melhores amigos d'este mundo, odiavamo-nos ambos como dois bons inimigos irreconciliaveis.

Eu não o podia ver a elle, elle não me podia ver a mim.

Porque?

Historias de mulheres, ora ahi está, como se dizia na *Gran Duqueza*. E o caso repetiu-se logo duas vezes a seguir e duas vezes nos achámos rivaes um em frente do outro.

Não nos fallavamos, mas devoravamo-nos com os olhares Um bello dia fomos apresentados.

Apertámo-nos as mãos com visivel má vontade mas d'ali a pouco abraçavamo-nos com vontade boa a valer.

O odio desappareceu como que por encanto e entre nós começou uma amisade sincera, intima, que em mim augmentou dia a dia á proporção que ia conhecendo todos os thesouros d'aquelle caracter honradissimo, todos os primores d'aquelle espirito delicadissimo, todas as maravilhas d'aquelle talento verdadeiramente superior.

Porque Fernando Caldeira é ao mesmo tempo um grande talento, uma grande alma, e um grande caracter; um d'estes brilhantes artistas que se admiram de longe e se adoram ao pé, em quem todos os dotes mais altos do espirito são realçados pelas qualidades mais elevadas de coração.

Fernando Caldeira descende d'uma familia illustre da Beira a familia dos condes da Borralha e formou-se aos 20 annos, em direito, na Universidade de Coimbra.

Temperamento profundamente artistico educado primorosamente, vivendo nos ocios da provincia, Fernando começou cultivando como amador, como curioso, todas as bellas artes, a pintura, a musica, a poesia, e foi por ahi fóra até á mais feia das feias artes, até á politica.

Apezar de poeta o demonio da provincia lembrou se um dia de o fazer influente politico da localidade e do mesmo modo que na pintura chegou a ser um pintor apreciavel, na musica um maestro distincto, na poesia um grande poeta, Fernando chegou a ser na politica um potentado d'aldeia, um influente eleitoral de primeira ordem, senhor de todas as tricas d'uma eleição como hoje está senhor de todos os effeitos d'uma peça, e caminhando ali, como aqui, sempre seguro para o successo.

Como não podia deixar de ser, dado o seu feitio, o seu temperamento, o seu genio, Fernando Caldeira aborreceu-se rapidamente da politica.

Feito governador civil de Aveiro, pelo sr. Dias Ferreira, Fernando Caldeira filiou se no partido constituinte e constituinte ficou toda a sua vida, mesmo depois do partido se desmanchar, o que tinha a vantagem, como elle proprio contava, de quando se encontrava com o sr. Dias Ferreira em qualquer parte, n'uma sala, n'uma rua, n'um coupé, estar logo ali reunida a assembleia geral do seu partido.

Deputado em duas legislaturas, Fernando Caldeira nunca pensou em fazer politica a valer, e ha um par de annos nomeado chefe dos redactores da camara dos pares, tem desempenhado esse logar com a elevação propria da sua alta intelligencia, mas com um zelo e uma dedicação perfeitamente inverosimeis n'um poeta, não faltando uma só vez ao serviço, o que é mais do que inverosimil, o que chega a ser phantastico, da parte d'um funccionario publico.

*
* *

Politico, pintor, musico, poeta e auctor dramatico, foi finalmente n'este ultimo genero que Fernando Caldeira assentou mais definitivamente a sua poderosa individualidade.

Foi em 1876 que elle fez a sua estreia em theatro.

Em casa do illustre conde da Ribeira Grande projectava-se uma recita dramatica e Fernando escreveu para essa recita a sua primeira comedia, o *Sapatinho de Setim*, tres delicados e engraçadissimos actos em prosa, que tiveram nas salas do conde da Ribeira um successo enorme.

N'esse anno vieram a Lisboa Lucinda Simões e Furtado Coelho, que havia muitos annos andavam ausentes lá pelo Brazil. Formaram companhia e

deram uma serie de representações no velho theatro das Variedades, que foi uma serie ininterrupta de ovações a Lucinda, primorosa, extraordinaria na *Dalila*, no *Demi-Monde*, na *Estatua de Carne*, nos *Intimos*, na *Vida d'um rapaz pobre*.

Fernando Caldeira conheceu muito Lucinda e Furtado e deu-lhes a sua comedia, e o *Sapatinho de Setim* teve nas Variedades um verdadeiro *successo*, uma estreia digna do homem que mais tarde havia de assignar a *Madrugada*.

A sua segunda peça foi a *Varina*, drama em 5 actos que se representou com brilhante exito no theatro de D. Maria no beneficio da actriz Virginia, e que depois fez notavel carreira no Porto, no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Seguiram-se-lhe os *Messionarios*, drama em 5 actos dos quaes os primeiros agradaram muito; a *Sara*, 4 actos acompanhados por uma farça original n'um acto *Fló-Fló*, escripta para o actor Joaquim d'Almeida, peças que agradaram em D. Maria mas tiveram pequena carreira.

Depois veio o primeiro grande triumpho a valer de Fernando Caldeira no theatro, a *Mantilha de Renda*, comedia em 2 actos, em verso que ficará como uma das mais delicadas peças do theatro portuguez contemporaneo; depois a *Chilena*, comedia em 4 actos que não fez carreira grande, e finalmente as *Nadadoras*, outros dois formosos actos em verso que fazem o *pendant* delicioso da *Mantilha de Renda*.

Além d'estas peças o nome de Fernando Caldeira firma um monologo engraçadissimo, a *Congressista* que foi feito por Lucinda Simões, e a imitação em verso do monologo a *Mosca*, monologo recitado por Brazão, que ficou celebre entre os bons monologos e no qual se dá a circumstancia curiosa de ser muito melhor na imitação do que no original francez.

Agora Fernando Caldeira acaba de enriquecer a litteratura dramatica portugueza com essa obra prima que se chama a *Madrugada*, comedia em 4 actos em verso, em scena no theatro de D. Maria e a que nos referimos longamente na nossa chronica do ultimo numero do OCCIDENTE.

N'essa peça Fernando Caldeira além de ser o auctor foi tambem o ensaiador, foi o maestro que compoz a canção que se canta no 4.º acto e é o *guitarrista* que lá dentro acompanha n'esse acto os descantes á guitarra, mercê das suas extraordinarias aptidões artisticas a que já nos referimos.

E n'esta lista de peças faltou uma, em que Fernando sahiu do seu genero habitual, a alta comedia, para os dominios da farça, em que deixou o theatro de D. Maria pelo do Gymnasio, e em que com o poder da sua *vêrve* inexgotavel e da sua boa graça portugueza alcançou um ruidoso successo, tanto em Portugal como no Brazil *As Medicas*, em que teve por collaborador obscuro um dos seus mais dedicados amigos e dos seus mais enthusiasticos admiradores.

E o talento de Fernando Caldeira mostra se na *Madrugada* tão poderoso, tão robusto, tão cheio de brilho, de seiva e de pujança que nós não terminamos aqui a sua biographia e apenas a fechamos provisoriamente com um *continuar-se-ha*, ficando á espera das suas novas peças para aqui registarmos os seus novos triumphos.

*Gervasio Lobato.*

## A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO GREMIO ARTISTICO

(Continuado do n.º 481)

Uma grande parte dos quadros de figura da exposição são pintados pelo sr. Malhoa, um artista muito trabalhador, que se desforrou de só ter o anno passado exposto quatro trabalhos apresentando d'esta vez nada menos de quatorze, alguns muito grandes e quasi todos de dimensões mais do que medianas.

São elles, além do *Marquez de Pombal*, dois retratos, dois estudos de figura, cinco paisagens com figura, dois estudos de animaes e duas paisagens.

Um dos retratos é o de El-Rei D. Carlos, feito para o tribunal de contas, muito parecido e em que ha as qualidades de execução do auctor do *Marquez de Pombal*; em especial a parte superior da cabeça é superiormente tratada.

O outro, que representa o principe da Beira, está por concluir, o que me surprehendeu bastante, pois que o jury (o mesmo do anno passado com differença de um dos seus membros) regeitou na primeira exposição trabalhos por estarem n'essas condições.

Dos outros trabalhos do artista são mais notaveis o *Gritando ao rebanho*, que lembra muito a *Caça aos taralhões* exposta o anno passado pelo sr. Pinto, e que, á parte o primeiro plano, é excellente; o *Almoço para o pae*, feito na sua ultima maneira, de toque esmiuçado e aspecto um tanto vaporoso, em que o pequeno tem um pé mal desenhado, mas excellente de perspectiva aerea e bonito na sua tonalidade molle e delicada; a *Rega dos alfobres*, tambem de aspecto muito agradavel e que, assim como o *Crepusculo*, tira o seu effeito do contraste da luz e da sombra, muito predilecto do artista; uma cabeça de burrico lanzudo, *Pensando no caso* philosophicamente; e finalmente *As aboboras*, que já figurou na exposição do Grupo de Leão em 1889, e curioso como motivo de comparação entre as diversas maneiras do artista.

Porque nenhum dos nossos artistas tem variado tanto na maneira de pintar como o sr. Malhoa. Ao contrario de outros artistas que chegam a ser monotonos e massadores para não sahirem de uma maneira sua, especial, differente da de todos os mais, especie de etiqueta com que marcam os seus trabalhos, o sr. Malhoa parece antes ter a peito mostrar que é capaz de pintar como qualquer outro, procurar constantemente novas maneiras e novos processos, mostrando um espirito mais curioso do que profundo, facilmente impressionavel mas pouco constante.

Assim, as figuras do *Marquez de Pombal*, do *Almoço para o pae*, da *Ultima golta*, do *Gritando ao rebanho*, da *Rega dos alfobres* e do *Retrato de madame Caupers*; assim como as maneiras de interpretar a paisagem nas *Aboboras*, nos *Castanheiros em dezembro* e n'alguns d'aquelles teem entre si differenças bastante salientes para que esses quadros pudessem ser attribuidos a differentes artistas, comquanto haja entre elles um certo parentesco, que, talvez *malgré lui*, não pode deixar de lhe imprimir o talento do artista, e que, apezar da sua volubilidade, faz distinguir os seus quadros entre quaesquer outros.

Ao que acabo de dizer fazem excepção as *Primeiras tentativas* e o *Gritando ao rebanho*, que varias pessoas attribuiram ao sr. Pinto, tanto elles se parecem com a *Caça aos taralhões* e com os dois quadros agora expostos por este artista, *A caça aos grilos* e *Adormecido*. Todos elles teem a mesma paisagem de um verde escuro, a mesma luz mais ou menos vaga e crepuscular, as mesmas figuras ao centro, no primeiro plano, ora um ora dois pequenos.

Por isso o publico, que o anno passado soltou um brado unanime de admiração perante a *Caça aos taralhões*, este anno ficou bastante frio deante dos quadros enviados pelo sr. Pinto, — e tambem dos dois do sr. Malhoa.

E' que são variações de mais ao mesmo thema. Ainda se fossem do mesmo artista, mas de dois!

O caso fez-lhe especie...

No entranto em ambos os novos quadros do sr. Pinto ha as mesmas qualidades de composição e factura da famosa *Caça aos taralhões*.

Na *Caça aos grilos* os dois petizes são bem estudados; especialmente a attitude do que está de costas, com as calças rachadas ao fundo das ditas, é muito natural e bem apanhada, todo attento para a toca, d'onde o outro com uma palha está a fazer sahir o bicho. O primeiro plano é excellentemente tratado; na parte superior, porém, ha falta de ar e o garoto das calças rachadas tem a mão direita mal desenhada.

No outro o rapaz, que dorme n'uma posição bem pouco natural (de resto no meu tempo os garotos brincavam de dia e dormiam de noite), está bem pintado; o rosto, em especial, é notavelmente modelado. E a paisagem é tambem superior á do primeiro; a perspectiva aerea é mais bem observada e o lado esquerdo é especialmente muito bonito de côr, de um verde fresco e justo de tom.

* * *

Um quadro que tambem enganou algumas pessoas (a mim, por exemplo) que á primeira vista o attribuiram ao sr. Malhoa, tanto elle fez lembrar alguns trabalhos d'este senhor, foi o *Estudo* da sr.ª D. Emilia Santos Braga, representando uma senhora decotada e que se via logo á entrada da primeira sala.

A parecença era, de resto, natural pois que aquella senhora, segundo diz o catalogo, é discipula do sr. Malhoa, não sendo pois de admirar que ella siga a maneira do mestre.

Aquelle trabalho, muito superior aos outros apresentados pela mesma senhora, é uma estreia brilhante, que honra o mestre e a discipula, e revela um incontestavel temperamento de artista.

* * *

Na mesma sala figuram tambem muito honrosamente para o Gremio e para a auctora os dois quadros que a rainha Senhora D. Amelia enviou este anno á exposição.

N'elles se vê mais uma prova de que Sua Magestade não é uma simples amadora, como já tinham demonstrado os seus quadros da primeira exposição; é uma verdadeira artista, em cuja execução se vê ainda uma certa inexperiencia, mas em que se adivinha a boa vontade de fazer bem e justo.

Na sua *Ovarina* ha correcção de desenho, mas uma certa dureza nas roupas, principalmente no avental. Mas as duas *Cabeças* são pintadas com muita frescura e excellentes de expressão; e marcam um progresso muito apreciavel sobre os seus trabalhos do anno passado.

* * *

Do sr. Condeixa ha tambem na primeira sala uma magnifica *Cabeça de estudo* e duas paisagens excellentes, a *Ribeira de Alcantara* em *Campolide*, de uma bella atmosphera do poente, e a *Estrada de Campolide*, um bom aspecto de inverno; com as suas arvores de um tom amarellado, quasi despidas de folhagem, com muito ar, magnifica de execução.

* * *

A notar ainda na mesma sala um quadro de natureza morta do sr. Marques Guimarães, um dos melhores trabalhos que em Lisboa tem exposto este distincto artista e um dos bons trabalhos da exposição.

* * *

Outro trabalho tambem muito notavel d'essa sala é o *Interior d'atelier* do sr. Arthur Mello, um trabalho extremamente notavel, cheio de qualidades de observação e factura.

Exceptuando o modelo, de um tom muito vermelho, a figura do fundo, cuja posição é contrafeita, e a estatua, que não dá bem a illusão do marmore, tudo o mais é magnificamente tratado n'esse quadro, que mostra já um artista senhor de si, sabendo ver e executar.

São tambem muito dignos de menção o *Retrato de Madame Vieira de Mello*, excellente de modelado, e a pequena *Italiana*, sentada com a sua rabeca no regaço e um ar serio de modelo, bem pintada e muito bonita de côr.

Mas onde melhor se patenteia a individualidade e as bellas faculdades do sr. Arthur Mello é nos tres quadrinhos de figura expostos na 3.ª e 4.ª sala, em que elle se atira corajosamente aos estudos de ar livre, com um resultado muito lisongeiro.

O intitulado *Pensativa*, que representa uma rapariga sentada junto á grade de uma varanda, bastante prejudicado pelo fundo — uns telhados amarellos (!) — e pela mão direita da figura, muito desgraciosa, é no entanto notabilissimo como execução, tem coisas primorosamente observadas.

E o estudo de interior, em que duas senhoras costuram junto a uma janella de saccada, tambem muito notavel de observação, é além d'isso de uma bonita composição; pela naturalidade das attitudes e boa execução das figuras e roupas esse quadro é um dos mais agradaveis da exposição.

O sr. Mello expõe mais uma *Florista*, que é uma repetição das que expoz o anno passado e algumas paizagens da Bretanha, tambem notaveis de factura, mas de aspecto muito singular e pouco agradavel.

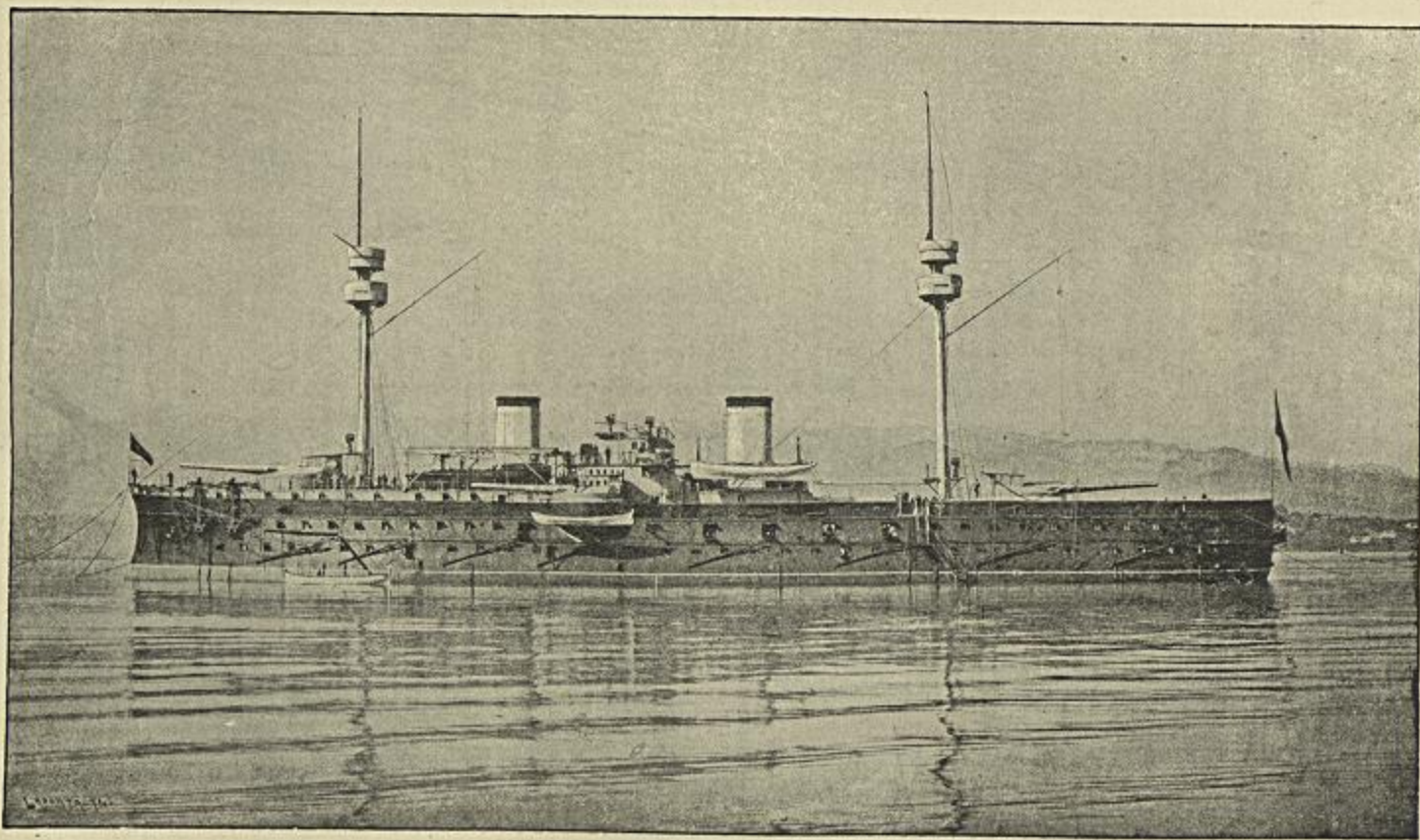
* * *

O sr. Vaz, além de um grande numero de quadros medianos e pequenos, apresenta este anno um quadro de grandes dimensões representando o *Desembarque de peixe em Setubal*.

Apesar de haver n'elle as qualidades habituaes do nosso pintor do Sado, aguas de uma bella transparencia, atmosphera luminosa, figuras bem desenhadas, esse quadro não agrada. Tem coisas de mais, muitas pessoas, muitos barcos, dispostos a troxe-moxe, sem cuidado pela composição. O artista podia dar ainda alguma serenidade áquella confusão, áquelle amontoamento, se lhe tem posto por cima um céu limpido e calmo; mas não, a atmosphera está tambem cheia de nuvensinhas: barulho em cima e barulho em baixo, barulho por toda a parte.

BARCA DE PASSAGEM EM SERELEIS, (MINHO) — QUADRO DE SILVA PORTO — PREMIADO COM MEDALHA DE 1.ª CLASSE E ADQUIRIDO PELO SR. DR. REBELLO DA SILVA

(Gravura de C. Alberto, segundo uma photographia do photographo amador sr. Ferreira das Neves)

# MARINHA DE GUERRA HESPANHOLA

O COURAÇADO «PELAYO»

São-lhe muito superiores alguns dos seus quadros mais modestos em grandeza: a *Furna do inferno*, por exemplo, uma bella marinha, muito justa de tons; os *Barcos do Sado*, muito bonito e excellente de execução; a *Povoa de Varzim*, tambem magnifico de execução, comquanto o mar, em que alvejam vellas brancas ao longe, se pareça muito com as aguas do seu predilecto Sado; e ainda *A praia (Setubal)*, *Canoa na praia* (não catalogado) e *S. Domingos* (Vianna do Castello), todos muito bem tratados e estes dois muito bonitos.

(Continúa). *João Sincero.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### MARINHA DE GUERRA HESPANHOLA.

O COURAÇADO «PELAYO»

O couraçado *Pelayo* é o melhor e mais formoso navio de guerra da marinha hespanhola, e um dos primeiros das marinhas de guerra dos paizes armados.

Foi construido em Marselha, pela casa Forges e Chantier, sendo deitado á agua no dia 5 de agosto de 1887.

As dimensões do *Pelayo* são: comprimento 105,6 metros; largura 20,2; pontal 12,45; calado á poupa 7,55 e á proa 7,35; superficie submergida na caverna central 140; deslocamento 9,900 toneladas. Este navio completamente armado, equipado e provisionado não cala mais de 7,55 metros, e portanto pode navegar em pouca agua ou fundo como póde ser no Canal de Suez.

Depois d'este couraçado, já em Hespanha se tem construido novos navios de guerra que honram bastante os seus arsenaes.

### PONTE DE LIMA

CARCAVEIRA PROPRIEDADE DO EX.^mo CONSELHEIRO JOÃO DE BARROS MIMOSO ABREU E LIMA

Em o n.º 474 do OCCIDENTE, reproduzimos em gravura a Villa de Ponte de Lima, uma das mais formosas e pittorescas povoações que marginam o rio Lima.

São muitas as quintas que assentam n'este valle formosissimo, que se tornam notaveis pela opulencia de suas construcções, pelo gosto e escolha de sua architectura, sujeita a mil caprichos de imaginação e bom gosto, rodeadas de formosissimos jardins, largos e parques.

A primeira d'estas é, sem duvida, a do mimoso poeta, Sebastião Pereira da Cunha, na freguezia de Protosello, concelho de Vianna do Castello, e descripta por D. Antonio da Costa a pag. 178 do *Minho*, obra interessante do illustre e saudoso escriptor.

A segunda, a da ex.^ma condessa d'Almada, na freguezia de Lanheses, aonde esta nobilissima familia viveu por muitos annos.

Outra estancia admiravel, é a da ex.^ma condessa de Bertiandos, na freguezia do mesmo nome, a 4 kilometros da villa de Ponte de Lima.

Ainda outra, o palacete do Cardido, notavel pela antiguidade de sua construcção, com quanto hoje muito alterada na reedificação, pelo general e par do reino sr. Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes. Nada ha por estes sitios que possa comparar com o conforto interno, affabilidade de trato e delicado gosto, verdadeiro fidalgo portuguez, e de sua ex.^ma esposa D. Emilia da Silveira Calheiros.

Ninguem que viage pelo Minho, deixa de visitar esta formosissima estancia, aonde a vista extensa, larga, é de um arrebatamento encantador; o horisonte que se gosa, passa de 30 kilometros, quasi até á foz do rio Lima em Vianna do Castello.

Ha ainda outra estancia ou quinta, digna de verse, e que fica a 3 kilometros da villa. É a da Carcaveira, freguezia de Moreira de Lima, cuja gravura damos hoje, devido á delicadeza de seu dono, o ex.^mo sr. João de Barros Mimoso Abreu e Lima, do conselho de S. M. e deputado da nação portugueza.

E' um palacete de ordem regular, com jardins, pomares, lagos, etc., e um golpe de vista igualmente admiravel.

Perpendicular ao edificio está o Monte de Santo Ovidio, com a sua poetica ermida da invocação do santo, d'onde o viajante, que lá sobe, fica extasiado com a vista mais encantadora que de lá se gosa. Que saudades não trouxemos, ao deixar, no cair da tarde, aquelle formosissimo sitio!

Outro palacete digno de descrever-se, é a nobilissima casa, solar dos condes de Calheiros, na margem direita do rio Lima, e sita na freguezia do mesmo nome. Estilo romano, a sua construcção mostra antiguidade pouco vulgar, com duas torres quadradas nos angulos norte e sul, pendurada no mais alcantilado monte da freguezia de Calheiros apresenta uma vista surprehendente.

Adornada interiormente com conforto e bom gosto, junto á amabilidade dos nobilissimos titulares, que são o typo dos verdadeiros fidalgos portuguezes, quem ali for jámais esquece aquelles deliciosos sitios.

## DO TORNEIO EM PORTUGAL

II

*Pignatelli* é o grande mestre da cavallaria italiana, senão o da de todo mundo. O marquez duque de Newcastle o da ingleza; Puvinel e Preully o da franceza; e Marialvas e Siqueiras da antiga cavallaria portugueza.

Comtudo é ainda o povo, o bom povo portuguez, o mesmo que defendeu o mestre de Aviz e venerou o infante D. Henrique, que aváro guarda as tradicções nacionaes.

*Cavalhadas* se chamavam a estes exercicios equestres, *cavalhadas* lhe chama o povo, e ainda em recentes arrayaes elle corria aos pombos e fazia as escaramuças. No tempo em que a nobreza não era bicolôr, e as classes dirigentes se compunham de homens bons, os *touros* e *cavalhadas* constituiam o favorito divertimento da côrte.

A' nossa vista temos um dos poucos, senão o unico periodico, que não se envergonha de amar Portugal, arrostando contra todos os ridiculos com que os homens do presente seculo costumam crivar tudo que é portuguez de lei, e todos que se empenham em fechar as portas ao estrangeirismo que tem confundido e pretende deixar no esquecimento o que tanto sangue e sacrificios custou aos que hoje se pretendem ridicularisar.

N'esse considerado jornal, pelos largos conhecimentos e provado talento de seus redactores, onde existem intimas relações com alguns dos cavalleiros que teem, pela deferencia e pela pratica, absoluto conhecimento do que entre nós ha sido, em muitos seculos, a *fina flor da cavallaria* —vem a descripção da ultima festa no hyppodromo de Belem.

E' para notar que desde 1705 não tornou Portugal a ver *cavalhadas*, na acepção aristocratica que este nome significava.

Pelas razões expostas e porque não vamos a festa sem ser convidados,—ainda um costume que hoje já vae esquecido—reportamos-nos ao que diz a mesma auctorisada folha.

O torneio, como hoje dizem, foi planeado, ensaiado e dirigido pelo sr. D. Antonio de Siqueira. E a este cavalheiro se associou o sr. duque do Porto irmão de el-rei.

Esta festo *(sic) seria com effeito brilhante se a nobre arte de cavallaria, que a fidalguia cultivava com esmero não tivesse cahido tanto em abandono e pudesse continuar a sel-o por quem so tardiamente a conheceu.*

*Ha coisas que o dinheiro não suppre, e entre ellas está a linha do verdadeiro cavalleiro.*

Cita como os que se destacaram, pela gentileza e galhardia: D. Antonio e D. José de Siqueira e José de Mello filho do sr. marquez de Sabugosa.

E, apresentando o sr. duque do Porto como um bom cavalleiro, accrescenta:

«Seria, na verdade uma festa magnifica, capaz de enthusiasmar o publico, que, entre nós, pela recordação sem duvida dos antigos cavalleirosos feitos, ama e se interessa pelos exercicios viris de força e dextreza.»

«O que faltou, porém, em arte, suppriu-o em grande parte a opulencia dos trajes e grandiosidade do conjuncto do espectaculo.»

Começou o divertimento depois das quatro horas, estando annunciado para as trez da tarde. Entraram na arena cada um de seu lado, o sr. D. Affonso duque do Porto e o sr. D. Antonio de Siqueira que marcharam até frente da tribuna real a fim de pedirem venia para começar o cortejo. Desfillam os dois *fios* de cavalleiros cada um de seu lado, com as charamellas á frente, os porta estandartes e respectivos guias e fazem as cortezias da praxe. Foi o momento mais brilhante.

O primeiro exercicio foi o conhecido *carrousel*. Consiste este em enfiar com a lança a argolinha, espetar um dardo na cabeça de Meduza, dar um tiro de pistola na cabeça de Polypheno, e, com a espada cahir a fundo sobre a cabeça do turco que jaz no solo. Estas evoluções foram regularmente executadas por todos os cavalleiros. Seguiu-se a *escaramuça de cadeia dobrada* que produziu bom effeito. Aqui terminou a primeira parte do espectaculo.

A segunda parte principiou pelo jogo das *alcanzias*, passou á corrida aos pombos, terminando com a *escaramuça de rodopio*, que agradou e foi bem executado.

A terceira parte começou pelo *jogo das cannas* que por as lanças não irem de couto não agradou completamente, cumprindo no entretanto, rigorosamente, com esta regra da cavallaria os srs. duque do Porto e D. Antonio de Siqueira; — seguiu-se o *jogo da rosa*, sahiram a campo de um lado o sr. D. Affonso, do outro o sr. D. Antonio de Siqueira e respectivo *contra-guia*. A lucta foi renhida, e apesar dos esforços empregados pelo sr. infante, não poude este evitar o triumpho completo de D. Antonio de Siqueira que lhe arrancou a rosa que tinha no hombro. D. Affonso quiz a desforra e por fiou com denodado afan em conseguil-a. Baldados esforços! Foi aqui a verdadeira victoria de D. Antonio de Siqueira sobre o sr. duque do Porto, e onde o primeiro demonstrou os seus recursos de consumado cavalleiro.

«Dir-se-hia que os dois contendores não disputavam uma flor, mas sim uma corôa» diz sobre o cavalleresco duello, o jornal em que respigamos esta noticia.

Os senhores condes de São Martinho (Siqueiras) desde que foi exilado D. Miguel I nunca mais frequentaram a côrte portugueza, e a primeira vez que um membro d'esta familia se encontra com um principe da dynastia constitucional, está apercebido para combate em um cavallo de raça, e de espada em punho!

O caprichoso acaso cria ás vezes situações bem dignas de reparo...

Como o destino se compraz por momentos em mostrar que não ha extremos, porque muitas vezes estes... tocam-se.

O jogo da rosa, foi tambem muito porfiado pelos srs. Antonio Costa, Ribeiro da Cunha e José de Mello vencendo este ultimo. No grupo compoto pelos srs. Romero, Luiz do Rego e D. Ascenso São Martinho, ficou vencedor este ultimo.

Terminou a festa com a *corrida ao estafermo* que parece não ter despertado muito interesse.

Aqui teem ao que, modernamente, se resolveu chamar *um torneio!*

Com o que temos escripto, crêmos, que ninguem pensará que desapprovamos estes divertimentos. Ao contrario, desejamos que elles se repitam, por isso que decerto levantariam o espirito nacional tam esquecido do que ainda valemos.

São dignos do maior elogio todos que tentaram reavivar ás tradicções patrias.

*Manuel Barradas.*

## LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

VI

Até 20 de fevereiro de 1886 teve o ministerio em que ficou, e que só se recompoz no fim de 1885, em Lopo Vaz o mais dedicado e affectuoso auxiliar. Caindo o ministerio, e succedendo-lhe o partido progressista, Lopo Vaz tomou, como era natural, na camara dos deputados, o commmando do partido regenerador. Accentuou se mais ainda a sua influencia, quando a inesperada morte de Fontes Pereira de Mello deixou o partido regenerador sem chefe.

Pode dizer se que foi Lopo Vaz que indicou o caminho a seguir, e a escolha do sr. Antonio de Serpa foi obra sua. Essa escolha deu em resultado lamentavel e injustificada scisão, perdendo o partido regenerador na pessoa do sr. Barjona de Freitas um dos seus mais importantes e prestigiosos caudilhos.

Era comtudo impossivel evital-a, e Lopo Vaz não hesitou em promover a eleição do sr. Antonio de Serpa, como foi depois o mais certeiro em impedir que a scisão se ampliasse muito. Os dissidentes, que arvoraram uma bandeira nova, a da *esquerda dynastica*, só levaram comtudo um dos jornaes da imprensa regeneradora, a *Revolução de Septembro*.

A campanha contra o ministerio progressista foi memoravel, e dirigida sempre habilmente por Lopo Vaz, que soube comtudo, no meio da guerra implacavel em que tomara parte, manter a sua linha séria e moderada de estadista. Alguns dos seus discursos de opposição foram verdadeira-

mente notaveis, como o que abriu a discussão do caso dos tabacos e como o que pronunciou na discussão da lei do banco de Portugal. Depois de quatro annos de lucta incessante caia emfim o ministerio progressista, mas por uma causa externa, que ia enfraquecer terrivelmente o partido que lhe succedeu.

Entendia Lopo Vaz que não era conveniente herdar o poder em tão desastradas condições, como Fontes entendera tambem em 1881; um e outro, porém, foram arrastados pelas impaciencias do partido. Em 1881 o partido regenerador entrou no poder, levando comsigo a bandeira da rescisão do tractado de Lourenço Marques, e para a obter teve de a pedir á Inglaterra, fazendo-lhe ver o perigo que para a tranquillidade publica em Portugal resultava da manutenção do tractado. Em 1890 entrou no poder, levado pelo enthusiasmo da resistencia ás humilhações inglezas, e que trabalho enorme e infeliz elle teve para colorir essas humilhações, que eram aliaz inevitaveis!

Foi attribulada a existencia do ministerio em 1890. Lopo Vaz, como ministro da justiça, viu se obrigado a promulgar uma lei de imprensa mais apertada, que se tornou tão pouco proficua como a anterior, pórque a disciplina social não se mantem com leis mais energicas, mantem se com a execução energica das leis brandas. A reforma judicial, que toda a magistratura reclamava e que a livrou de miseria, a lei de aposentação dos parochos, pela qual, devemos confessal-o, temos mediocre sympathia, foram os actos mais caracteristicos da gerencia da pasta da justiça n'esse gabinete por Lopo Vaz. Promulgada esta ultima lei, cedeu Lopo Vaz um pouco á pressão das exigencias politicas, que actuavam no seu espirito mais do que seria licito desejal-o.

Em setembro de 1890 a promulgação do tractado com a Inglaterra fazia caír o ministerio. E' cedo demais para contar as peripecias d'essa crise e da sua resolução final. Diremos apenas que a pertinaz doença, que invadia cada vez mais o organismo de Lopo Vaz, não concorreu pouco para os desastres d'esse momento politico A' reunião, em que se tomaram resoluções irremediaveis, não poude Lopo Vaz assistir.

Lopo Vaz fôra elevado á cathegoria de par do reino e de conselheiro de Estado. Quando em maio de 1891 se tornou impossivel a manutenção do ministerio extra partidario, tentaram-se varias combinações, e a acção de Lopo Vaz n'essa occasião foi muito accentuada. Deslumbrou o a vantagem para a administração publica da cooperação do sr. Marianno de Carvalho. Se se enganou muitos partilharam o seu engano. Quando o ministerio se formou julgaram muitos que duraria sete annos, durou sete mezes.

Esses sete mezes foram sete mezes de tortura para Lopo Vaz, ministro do reino e da instrucção publica. Pode se dizer que não geriu a pasta; teve primeiro de ir tratar da sua saude deteriorada em Mondariz; quando voltava contente e na apparencia restabelecido, caía aos golpes de uma nova e mais terrivel doença. Durante dois ou tres mezes vacillou entre a vida e a morte. Quando se curou, a alegria manifestada em todo o reino, o *Te-Deum* com que os seus amigos festejaram a sua resurreição, foram para elle, póde dizer se, a consolação extrema. O golpe fôra comtudo demasiadamente profundo. A agonia moral, que lhe resultou das circumstancias que occasionaram a queda do ministerio, aggravou todos os seus padecimentos. A morte, que o espreitara durante mezes e que fôra repellida, caminhou com uma rapidez assombrosa. Em poucos dias se succederam as peripecias terriveis: adoeceu, peiorou, morreu.

A dor do seu partido e a dor do paiz, foram extremas. O seu enterro foi uma apotheose, e não faltaram como nas apotheoses da Roma pontifical, os cardeaes diabos, nem, como nos triumphos da Roma pagã, os escravos insultadores. Virá comtudo a hora da justiça; a Historia reconhecerá as deficiencias e os defeitos do estadista, mas prestará justa homenagem a um dos mais altos espiritos que houve n'este seculo em Portugal.

*Pinheiro Chagas.*

---

# O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

**Oliveira Mascarenhas**

## XIV

Apenas o padre Malagrida déra por findos os trabalhos da conspiração, a que o leitor assistiu já, Samuel de Alencastre corrêra para sua casa com ligeireza inexcedivel.

Quem lhe fitasse a fronte aos primeiros alvôres matutinos, tomar lh'a-hia pela fronte d'um cadaver.

Impressionado... altamente impressionado pelo que presenceára no palacio de Belem, nem reparára em dois frades de S. Domingos que o seguiram a distancia desde a residencia do duque até ao Alto da Pampulha.

O mancebo, chegado junto de sua irmã, abraçou a com ternura, e beijou-a loucamente.

Branca, por sua vez, recebeu com lagrimas a apparição do irmão, que lhe relatou tudo quanto se passara no palacio dos Jeronymos.

— Jesus! interjeicionou ella, quando soube que Samuel devia fazer parte d'um dos grupos de regicidas: Tu não vês que podeis ser descobertos e degolados?!...

— Socega, minha amiga, que não darei trabalho ao algoz. Não nasci para assassino, e pesa-me deveras o ter assistido á maldita reunião.

— Mas... que resolves tu fazer?

— Tenho uma idéa salvadora, que vamos já pôr em pratica...

— Dize... dize, Samuel.

— Olha: Embrulha já os poucos trapos que nos restam, e que constituem toda a nossa fortuna: Esse ouro que existe ahi, e com que o duque quiz comprar um cumplice, deve chegar-nos de sobra para a jornada que devemos hoje emprehender.

— Sim... sim; acquiesceu a donzella. Mas... poderei saber para onde temos d'ir?

— Iremos para a provincia, se tal mudança te apraz. Em Santarem existem alguns dos nossos velhos amigos, que nos poderão proteger...

— Para te salvar do patibulo, acompanhar-te-hia para toda a parte, Samuel.

— Obrigado, querida Branca. E's um anjo que Deus me confiou, em compensação das torturas que me teem assoberbado.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Quando Branca começava a fazer uma pequena trouxa com as roupas que possuiam, ouviram-se na porta da pequena agua-furtada algumas pancadas, e logo em seguida a voz temerosa d'um *irmão negro* (1) do santo officio, que, por ordem d'aquelle tribunal, vinha prender o mancebo.

Samuel ficou como que petrificado!..

Branca, quando o irmão sahiu de casa, soltou um grito agudo e cahiu desalentada.

## XV

A inquisição, terrivel e detestado sorvedouro, onde milhares e milhares de desgraçados soffreram tratos do inferno em nome de Jesus (!), foi introduzida em Portugal poucos annos depois do primeiro quartel do seculo XVI, a rogos de D. João 3.º, que os velhos chronistas cognominaram de *piedoso!!!...* — (5).

Dez annos após a sua acclamação (1521) impetrou elle de Roma o estabelecimento, n'estes reinos, de similhante monstruosidade, admittindo n'elles, ao mesmo tempo, a nefanda companhia de Jesus, de abjecta recordação.

Installou-se a primeira inquisição n'uns velhos casarões do Rocio, denominados *Paços dos Estãos* (6), mandados construir em mil quatrocentos e quarenta e oito pelo infante D. Pedro, quando regente e defensor de Portugal, afim de facilitar pousada aos embaixadores e fidalgos da provincia, que tivessem de vir á côrte.

Por occasião do terrivel terramoto de mil setecentos e cincoenta e cinco, desappareceram os velhos *Paços dos Estãos*, em cujo terreno se edificou a *Inquisição nova*, como era ao tempo denominada.

Carlos Mardel, architecto de fama, foi o encarregado da construcção, não se havendo esquecido de satisfazer aos desejos ferozes dos inquisidores no tocante á segurança dos carceres, e ao que de mais crú e pavoroso lhes podesse introduzir!

A contrastar com as prisões do palacio, exhibiam-se as alegres e confortaveis casas dos *santos padres* do tribunal, onde havia um magnifico jardim com seu lago, gondolas e estatuas para recreio dos *bons servos* do Senhor!

E era *justo* que tudo isto assim fosse... que lhes houvesse sido dada uma mansão de fadas e as exhalações odorosas das flores, visto que, em beneficio da fé *catholica*, andavam a miudo com o olphato torturado pelo cheiro da carne humana assada no Rocio.

Ao tempo em que se passavam os factos que vamos descrevendo, encontrava-se ainda em construcção o novo palacio do Santo officio, funccionando comtudo, já, não poucas enxovias, para *proveito* da religião, massacre dos infelizes e vergonha da humanidade.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Samuel foi pois conduzido a este antro, por dois familiares da inquisição.

Chegado ali, viu que se lhe fechavam as portas da gehena, e que um dos *irmãos-negros* que o prenderam, era um dos frades dominicos com quem estivera em Belem.

Samuel ficou confuso.

Debalde tentou elle resolver o enigma.

Submerso na profundeza das trevas que lhe inundavam o carcere, e rendido aos effeitos da fadiga, encostou se por ultimo a uma tarimba de carvalho e em seguida adormeceu.

Duas horas de somno levava já, quando a porta da prisão gemeu sobre os seus gonzos, despertando o infeliz.

Depois, levou as mãos aos olhos, ergueu a cabeça e olhou em torno de si, como que para certificar-se de que local seria aquelle.

Julgava um sonho a sua estada nos carceres do santo officio.

Mas os gritos lancinantes das victimas submettidas ás provas, os gemidos dolorosos dos encarcerados, e, finalmente, todos os pavores que o rodeavam, chamaram-o breve ao triste positivismo da sua horrorosa situação.

Para consolo, restava-lhe a consciencia de que não era um criminoso, como que se milhares d'innocentes não houvessem sido outras tantas vezes immolados ás infames conveniencias d'aquellas aves de rapina.

*(Continúa.)*

(1) Familiares do Santo Officio. Usavam uns balandraus de côr preta, que os cobriam desde a cabeça até aos pés. Foi da côr d'estes balandraus, ou farricôcos, que lhes resultou o nome.

(5) A inquisição foi introduzida em Portugal no tempo de D. João 3.º, a pedido d'este monarcha, com o fim de fazer opposição ao lutheranismo, e de reprimir os excessos dos *marranos* ou christãos novos.

O primeiro auto do fé que se realisou em Portugal, teve logar em 1540 Os religiosos da ordem de S. Domingos foram sempre os principaes empregados d'aquelle abominavel tribunal. No reinado de D. José, foram abolidos os barbaros supplicios das *provas* e das *fogueiras*, bem como o *direito* de sequestro. Depois de 1820, o povo entrou nos carceres do Santo Officio, e, soltando os presos que existiam ainda alli, destruiu os instrumentos de tortura e esteve resolvido a lançar fogo a tudo.

(6) *Estãos*, segundo o portuguez antigo, significava estalagem, pousadaria, etc.

---

# A NOVA PRAÇA DE TOUROS

NO CAMPO PEQUENO

A paginas 155 e 156 do vol. XIV do OCCIDENTE publicámos o projecto da nova praça de touros que se ia construir no Campo Pequeno, acompanhando aquelle projecto da respectiva descripção.

Hoje pudemos annunciar aos nossos leitores, que a construcção está muito adiantada e que no mez d'agosto proximo já ali se poderão lidar touros, embora o edificio só fique concluido em fevereiro do anno que vem.

O projecto que publicámos dá idéa de um edificio grandioso, mas vendo a construcção que se está fazendo fica se maravilhado porque ella excede a nossa espectativa.

Foi o que nos aconteceu quando, no dia 5 do corrente, visitámos aquella obra, a convite da Empreza Tauromachica Lisbonense.

E' uma edificação monumental a que se está fazendo, aliando á sua grandeza, a arte e a solidez, condicções indispensaveis n'um recinto de espectaculo destinado a accommodar milhares de espectadores.

O projecto do distincto architecto, o sr. Dias da da Silva, soffreu algumas alterações no que respeita á construcção, alterações aconselhadas pela pratica e que o constructor Mr. Boussard entendeu dever fazer para garantir a solidez do edificio.

E' este construido de alvenaria, tijolo e ferro, sendo, talvez, a construcção que mais tijolo tem empregado no nosso paiz, pois já estão empregados tres milhões de tijolos e será preciso ainda um milhão para se concluir a obra.

Obra inteiramente nacional, incluindo as galerias de ferro fornecidas pela Empreza Industrial Portugueza.

O amphytheatro destinado aos espectadores, é construido sobre abobadilha de tijolo, e em bancadas de pedra á semilhança dos circos romanos. Superior a estas bancadas estão os camarotes e galerias de ferro. A arena para a lide tem o diametro de 37 metros, pelo que se póde fazer idéa da grandeza de toda a praça, que offerece logar para 11:000 espectadores.

Podemos affirmar que Lisboa vae ter uma Praça de Touros, digna de uma capital, no que muito louvor cabe á Empreza Tauromachica Lisbonense, que metteu hombros a uma tão arrojada empreza.

## REVISTA POLITICA

*O Convenio e o Emprestimo* é o titulo com que se depara na primeira pagina de todos os jornaes, a encabeçar os artigos de fundo ou pequenas noticias, ha quasi um mez a esta parte, sendo tambem este titulo o que os olhos dos leitores procuram com mais avidez, com a avidez do naufrago que procura no horisonte descobrir uma vela ou um pharol que lhe dê esperança de salvar-se.

A que chegámos!

Em um anno contrahiram-se emprestimos em o nosso paiz, n'esta terra que se diz estar nos mais apertados apuros, no valor de sessenta e tres mil e duzentos contos, e esses apuros continuam, de modo que está tudo ancioso por um novo emprestimo de temos aos jornaes a vêr quando chega a boa nova que, no dizer de alguns deve ser boa por força visto a demora que tem.

Lá isso é verdade novidade ruim corre depressa e quasi sempre é certa, razão porque, os mesmos jornaes só se tem apressado a dar noticias pouco favoraveis, se bem que acompanhando-as com commentarios de que não merecem credito e que as melhores são as que hão de vir por fim.

Nunca o telegrapho foi mais remisso, mais indolente que d'esta vez. Parece mesmo que está a judiar, a fazer criar vontade, a aguçar o apetite, de modo que quando os taes dezoito mil contos chegarem não chegam para nada, são para a cova d um dente, e fica-se a pedir mais.

Para distrahir as attenções do *Convenio* e do *Emprestimo* veiu o *Canellão* de Coimbra, muito mais divertido, que deu aos estudantes da Universidade umas ferias com que elles não contavam, mas que o sr. ministro do reino entendeu por bem conceder-lhes, mandando fechar a Universidade e obrigando os estúdantes a darem um passeio á casa de suas familias, e estanciarem por lá até que se ponham em campo as altas influencias dos seus papás, com que todas as portas se abrem, por mais que as queira afferrolhar o sr. Dias Ferreira.

Até estamos a vêr sahir do tal *Canellão* uma crise ministerial!

Custa pouco a ser auctoridade n'esta terra, o que custa mais é a ter auctoridade, no meio da brandura dos nossos costumes, e é por causa da tal brandura que nos parece teria sido muito melhor o governo não ter ligado tão grande importancia ao caso.

Porque é que o sr. ministro do reino não procedeu para com o *Canellão* dos estudantes, do mesmo modo que procedeu para com o *Canellão* da junta geral do districto de Coimbra?

Muito custa a ter auctoridade.

E emquanto esperamos pelo *Convenio e Emprestimo* e aguardamos o que sae do *Canellão*, preparemo-nos para a representação que os professores das Escolas Municipaes de Lisboa, vão dirigir ao governo por causa do decreto que o Diario publicou no dia 9, mandando passar as mesmas escolas para a administração e direcção do Governo.

Diz-se que o fundamento da representação é o governo não ter attendido no decreto ás promessas que fizera aos professores.

Entra pois em campo o professorado primario das escolas de Lisboa, que o governo parece querer reduzir a condições muito similhantes ás do professorado das aldeias, a que bem se póde applicar aquella phrase romantica: *o teu amor e uma cabana.*

Cabana poderão alguns tel-a; amor é que não tem forças para isso.

*João Verdades.*

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Historia de um crime.** *Depoimento d'uma testemunha* por Victor Hugo, versão de um emigrado politico, illustrada com magnificas gravuras. Vol. I. Porto, Joaquim Ignacio Saraiva, editor, 1891. Victor Hugo escreveu esta obra logo em seguida ao seu exilio em 1851. E' a historia dos acontecimentos de 1848 a 1851 em França escripto pelo pulso valente do grande poeta, agora vertida em portuguez em edição esmerada.

**Tosquia de um grammatico** *dedicada aos filologos mirandezes, aos criticos extremenhos e aos boticarios de Palmella*, por J. Caturra Junior, etc. 2.ª edição melhorada. Lisboa, 1891. Uma tosquia valente dada pelo sr. Candido de Figueiredo no sr. José Leite de Vasconcelios Pereira de Mello a proposito das *Lições praticas da linguagem portugueza* do primeiro auctor, e a que já n'este logar nos referimos.

PONTE DE LIMA — CARCAVEIRA, PROPRIEDADE DO EX.$^{mo}$ SR. CONSELHEIRO JOÃO DE BARROS MIMOSO ABREU E LIMA

(Segundo uma photographia)

dozoito mil contos que é o de que se está tratando agora.

A eloquencia das cifras falla mais alto que toda a eloquencia de todos os oradores afamados, que levaram o paiz a este bonito estado, apezar de todos os seus discursos, apezar de todos os seus grandes rasgos oratorios, apezar de todos os seus brilhantes talentos.

Ponhamos ponto, porque não valle tomar a serio estas questões velhas, que promettem continuar apezar da vida nova. Retomemos o nosso habitual bom humor para encarar com o que se vae passando e deitemos tambem os olhos bem abertos para os jornaes, a ver quando nos dão a grata noticia de que *O Convenio e o Emprestimo* se realisaram effectivamente, e são um facto consumado.

Ha quem d'ahi espere a nossa felicidade, a nossa tranquilidade e socego, o ponto de partida para a nossa regeneração financeira e economica, e não seremos nós que iremos inguiçar essa esperança fagueira de esses espiritos felizes e crentes.

Pouco seria o nosso mal se o nosso bem estivesse em tão pouco, mas como a respeito de arithmetica os nossos financeiros e politicos arranjaram uma para seu uso, que mais ninguem percebe, vol-



Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43